

SCHUDSON, MICHAEL (2008).

Why Democracies Need An Unlovable Press.

Cambridge, United Kingdom: Polity Press.

NELSON TRAUQUINA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Ao longo da sua carreira académica, da qual constam obras tão marcantes como *Discovering the News*, *The Power of News* e *The Sociology of News*, Michael Schudson tem provado não temer pôr em causa convenções e tem questionado com grande acutilância as relações entre o jornalismo e a democracia.

Num livro que reúne nove ensaios, Schudson começa por perguntar por que o jornalismo é importante para a democracia e responde com “Six or Seven Things News Can Do for Democracy”, o título do primeiro ensaio. O autor refere: 1) Informar; 2) Investigar; 3) Analisar; 4) Favorecer a empatia social; 5) Constituir-se como um tribunal público; 6) Mobilizar; 7) Promover a democracia representativa. Escreve Schudson: “Journalism does not produce democracy where democracy does not exist, but it can do more to help democracies thrive if it recognizes the multiple services it afford self-government, encourages the virtues that underwrite these services, and clarifies for journalists and the public the many gifts news contributes to democratic aspirations” (p. 26).

No ensaio intitulado “The US Model of Journalism: Exception or Exemplar?”, Schudson analisa consequências negativas e positivas que resultam das particularidades do jornalismo norte-americano e questiona se este deve ser considerado um exemplo ou uma excepção observando os modelos de jornalismo adoptados noutros países do mundo. Consta que a transformação da cultura política norte-americana foi acompanhada pela profissionalização do jornalismo no século XIX e discute a emergência de novos géneros jornalísticos, como a entrevista, neste mesmo período (depois exportados para os países europeus, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial). Exemplo ou excepção? Escreve Schudson: “But the spirit of easy spontaneity and the habit of speaking up are features of American journalism worth admiring and, to some degree, they are detachable for export. If they spread beyond US borders, whatever the particular institutional or organizational or cultural apparatus may be in the news practices of other countries, then US journalism makes a contribution beyond American shores” (p. 39).

Muitos académicos criticam os media noticiosos pela sua dependência face às fontes oficiais, pelo facto de se orientarem para os acontecimentos (“event-oriented”), por hiperbolizarem o valor-notícia do conflito, pelo cinismo em relação aos políticos e à política,

pela alienação em relação às comunidades que reportam na sua actividade profissional. Schudson discute cada ponto e acaba por reconhecer a validade das críticas.

No entanto, afirma também que a prática do jornalismo consegue atingir mais vezes os grupos mais poderosos do que é reconhecido. Em conclusão a este ensaio, Schudson escreve: “I am defending, somewhat to my surprise, what are usually attacked as the worst features of the American press – a preoccupation with events, a morbid sports-minded fascination with gladiatorial combat, a deep anti-political cynicism, and a strong alienation of journalists from the communities they cover” (p. 62).

No último ensaio, intitulado “The Trouble with Experts – and Why Democracies Need Them”, o professor recorda o debate clássico entre John Dewey e Walter Lippman, nos anos 20 do século passado, acerca do papel dos peritos nos sistemas democráticos. Schudson toma posição contra o encanto das organizações “grass roots”, frequentemente elogiadas pela sua defesa da democracia participativa. O autor enfatiza três serviços que os peritos prestam à democracia, antes de sublinhar o papel que o político, enquanto “trustee”, desempenha como representante do público que o/a elegeram. Escreve Schudson: “The objection to expertise in democracy from Dewey to the present needs to overcome its own romanticism. It fails to see not only the complexity of democracy but the democracy of complexity – in a world too complex for any one person or agency to comprehend, there is no government without colleagues, consulting, committees and compromise, and there is an interactive process of building consensus. Dialogue is too simple and linear a model of what democracy should be about” (p. 123)”. A esta ideia acrescenta: “The best democracy does not seek to minimize the role of expertise. A democracy without experts will either fail to get things done or fail to get things done well enough to satisfy citizens” (p. 123).